

Um pouco além do concebível: o Chile e a Argentina na memória de um exilado brasileiro

Beyond the conceivable: Chile and Argentina in the memory of a Brazilian exiled

Carla Simone Rodeghero¹

carlasr@cpovo.net

Resumo. O presente texto explora uma entrevista de história oral concedida pelo músico Raul Ellwanger, em 2011, visando analisar a forma como ele se refere ao período em que esteve exilado no Chile e na Argentina, entre 1970 e 1977. Ao tratar de vivências particulares, o artigo procura refletir sobre a experiência coletiva do exílio de militantes de esquerda durante a ditadura civil-militar brasileira. Apresenta a memória e a narrativa construídas a partir da situação de entrevista como estratégias de reencontro com o passado e de (re)construção do seu sentido.

Palavras-chave: exílio, esquerdas, Chile, Argentina, Ditadura civil-militar brasileira, Raul Ellwanger.

Abstract. This paper explores an oral history interview granted by the musician Raul Ellwanger, in the year of 2011, in order to analyze how he refers to the period when he was exiled in Chile and Argentina between 1970 and 1977. When dealing with particular experiences, the article attempts to reflect on the collective experience of the exile of leftists militants during the civil-military dictatorship in Brazil. It features the memory and the narrative constructed from the interview situation as strategies for a reunion with the past and (re)construction of its meaning.

Key words: exile, left-wing, Chile, Argentina, Brazilian's civil-military dictatorship, Raul Ellwanger.

Um dos caminhos para, a partir do Brasil, falar sobre o Chile é retomar a importância que esse país teve como local de exílio para um grande número de opositores da ditadura civil militar instaurada em 1964. Muitos livros de memória e alguns trabalhos acadêmicos têm demonstrado que, durante o governo da Unidade Popular, sob o comando de Salvador Allende (1970 a 1973), o Chile foi o destino de militantes brasileiros que precisaram sair do país por estarem sendo perseguidos, investigados, processados e/ou condenados por ações consideradas subversivas. Muitos eram atuantes no movimento estudantil, boa parte pertencia a grupos clandestinos de esquerda, entre os quais estavam os que preconizavam o

¹ Professora do Departamento e do Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

recurso às armas para a derrubada da ditadura e a instauração do socialismo². Quanto à produção acadêmica sobre o tema, pode-se lembrar o trabalho pioneiro de Denise Rollemberg, o qual propôs a existência de duas gerações de exilados, a dos militantes de 1964 (que se dirigiram majoritariamente para o Uruguai) e aquela dos militantes de 1968, que rumou para o Chile e que, depois de 1973, se dispersou por outros países, cada vez mais distantes da América Latina (Rollemberg, 1999). Tal tema também foi focado por Teresa Marques num estudo que mostrou as especificidades do exílio no Uruguai e em outro, mais recente, da mesma autora, que comparou as estruturas de acolhimento de exilados no Chile e na França (Marques, 2006, 2011). O exílio no Chile tem ganhado espaço, ainda, em filmes brasileiros que tratam do período da ditadura, como os recentes *Em teu nome* e *Diário de uma busca*³.

A possibilidade de contribuir com as reflexões sobre o exílio de brasileiros/as no Chile surgiu a partir de uma entrevista realizada no seio do Projeto *Marcas da Memória: História Oral da Anistia*, com o músico Raul Moura Ellwanger⁴. A entrevista aconteceu em Porto Alegre, em 07 de julho de 2011. Foi conduzida por mim e teve o apoio técnico de Ricardo Valentini e de Aryanne Torres Nunes, estudantes de História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Esses e outros membros da equipe do projeto contribuíram para que a entrevista fosse realizada, transcrita e revisada⁵. A confluência entre um roteiro previamente elaborado, uma postura de escuta, um desejo de narrar, alguns equipamentos e vários procedimentos técnicos levados adiante por uma equipe afinada tornou possível a gestação de uma fonte histórica, na forma de depoimento. O que proponho aqui é fazer uma primeira exploração da parte desse material, que permite dialogar com a experiência do exílio brasileiro no Chile e também na Argentina.

O projeto *Marcas da Memória: História Oral da Anistia no Brasil* foi desenvolvido entre 2011 e o início de 2012 em três universidades federais brasileiras: a Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), sob minha coordenação; a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), onde o trabalho é coordenado pela professora Maria Paula Araújo; e a Federal de Pernambuco (UFPE), tendo à

frente o professor Antônio Montenegro. O trabalho é resultado de convênio entre a Comissão de Anistia do Ministério da Justiça e as universidades mencionadas. Visa recolher mais de uma centena de depoimentos (filmados e gravados) de pessoas que foram atingidas pela repressão durante a ditadura e/ou que se engajaram em diferentes formas de oposição ao regime. O projeto representa um passo inicial para a formação de um banco de depoimentos que fará parte do Memorial da Anistia, outra iniciativa da mesma Comissão, que está em fase de construção em Belo Horizonte. Coube às equipes coordenadas por mim e pelos dois outros professores a seleção dos entrevistados e a montagem de roteiros de entrevistas que levassem em conta tanto as experiências de cada pessoa com quem se iria dialogar, quanto um plano geral de abordagem. Esse visava estimular a narrativa sobre a formação e o engajamento político, sobre formas específicas de repressão vivenciadas, sobre particularidades ligadas à resistência, ao associativismo, à clandestinidade, à prisão, ao exílio, à convivência com mortes e desaparecimentos etc.

A equipe da UFRGS definiu que o conjunto das entrevistas deveria ser pautado pela diversidade: que seriam buscadas pessoas acostumadas a conceder entrevistas e outras que raramente ou nunca tinham passado por essa experiência; pessoas pertencentes a diversificadas organizações políticas e que tivessem se engajado em variadas formas de oposição à ditadura, em diferentes momentos deste processo⁶. Também quisemos dar atenção especial às mulheres, sem, no entanto, deixar de reconhecer que houve uma proporção maior de homens que foram alvos diretos da repressão. Essas e outras preocupações nos levaram a pensar na importância de entrevistarmos alguém do campo das artes. Enquanto essas reflexões iam ganhando corpo nas reuniões do grupo de pesquisa, tive a oportunidade de trabalhar em sala de aula, como professora de História do Brasil IV, com um belo e enigmático artigo escrito pelo músico Raul Ellwanger para uma coletânea publicada pela Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul, em 2009 (Ellwanger, 2009)⁷. Lá, o artista se referia a festivais de música acontecidos em Porto Alegre nos anos 1960, a uma música de sua autoria, a qual foi finalista do Festival “O Brasil canta no Rio” da TV Excelsior, em 1968, mas que

² Entre os livros de memória de militantes de esquerda brasileiros que relatam o exílio no Chile, podemos citar: Gabeira (1980); Sirkis (1981); Guarany (1984); Moraes (s.d.); Paiva (1996).

³ *Em teu nome*, lançado em 2009, é dirigido por Paulo Nascimento e retrata a trajetória de João Carlos Bona Garcia, que foi militante do Partido Operário Comunista (POC). Também pertenceu à VAR-Palmares e à VPR. Foi preso quando, fazendo parte da última organização, participou da tentativa de sequestro do cônsul norte-americano em Porto Alegre. Bonna Garcia esteve exilado no Chile. *Diário de uma busca*, de 2011, tem como diretora Flávia Castro. O documentário trata da militância política do pai da diretora, Celso Afonso Gay de Castro. As cenas filmadas no Chile mostram Flávia e a mãe revisitando os lugares onde viveram e por onde passaram com Celso, no exílio.

⁴ O arquivo em vídeo e a transcrição estão disponíveis para consulta no Núcleo de Pesquisa em História, IFCH, da UFRGS, situado no Campus do Vale, em Porto Alegre.

⁵ A transcrição foi realizada por Laura S. Galli, Amanda Manke do Prado Lima, Aryanne Torres Nunes, Isabela Berté e Diego Scherer da Silva. As revisões foram feitas por Dante Guimaraens Guazzelli, Aryanne Torres Nunes, Francisco Carvalho Jr., por mim e por Raul Ellwanger.

⁶ Foram realizadas 18 entrevistas entre abril e dezembro de 2011. Os outros entrevistados são: Almoré Zoch Cavalheiro, Caio Lustosa, Carlos Paixão Franklin Araújo, Cláudio Accurso, Emílio Chagas, Fernando do Canto, Honório Peres, Jair Krischke, José Augusto Avancini, Lícia Peres, Lino Brum Filho, Lúcio Barcelos, Flávia Schilling, Marta Sicca da Rocha, Nilce Cardoso Azevedo, Pe. Arnildo Fritzen, Sandra Helena Machado.

⁷ No início de 2012, foi lançada uma obra organizada pela Assembleia Legislativa gaúcha em parceria com o Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFRGS, a qual é composta por um livro e por um CD. O último conta com músicas interpretadas por Raul Ellwanger (Padrós, 2011). O material está disponível no site da Escola do Legislativo, da referida Assembleia.

não foi por ele defendida. Ficava dito e não dito no texto que o músico tivera que se ausentar (da vida pública, de Porto Alegre, do país) por dez anos. Isso muito me instigou. A beleza da escrita, o dizer e o esconder ao mesmo tempo, despertaram em mim o desejo de descobrir o que havia acontecido. Houve, ainda, outra motivação para que Raul Ellwanger fosse escolhido para “representar” em nosso projeto a “classe dos artistas” durante a ditadura. No referido artigo, ele cobrava, sem meias palavras, que alguém – do curso de História da UFRGS, por exemplo – pesquisasse a história dos festivais que aconteceram em Porto Alegre, tema sobre o qual não há, ainda, estudos.

Discutidas essas questões com o grupo, contatamos o músico que, imediatamente, mostrou-se disposto a conceder a entrevista. Conversamos por quase duas horas numa tarde fria de julho de 2011, nas dependências do Núcleo de Pesquisa em História, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFRGS, no Campus do Vale. Daí resultaram mais de trinta páginas de transcrição. Muitos temas foram mencionados em um diálogo que procurou manter um fio cronológico e que permitiu que conhecêssemos a trajetória do entrevistado, especialmente no que diz respeito ao seu engajamento político e à sua produção artística, desde os anos 1960 até os dias atuais. Além disso, a conversa tocou em questões como a relação entre a música de Raul e sua experiência de exílio, as políticas de reparação a perseguidos políticos em diferentes países, a importância de empreendimentos que valorizem memórias e narrativas dos tempos traumáticos e, ao mesmo tempo, que permitam falar das utopias que informaram diferentes momentos de luta e de sobrevivência.

Nestas páginas, darei prioridade às palavras do protagonista, recortadas pela leitura que fiz de sua narrativa e pela preocupação de situar o exílio no Chile em sua experiência de vida. Por razões que ficarão claras ao longo do texto, o exílio na Argentina também ganhou espaço considerável. Os leitores, então, poderão conhecer a chegada do brasileiro no Chile e as possibilidades que ali se abriram; a vivência universitária; a atuação próxima ao Movimiento de Izquierda Revolucionaria (MIR); o golpe de 1973, a repressão e a fuga para a Argentina. Nesse segundo país de exílio, será possível acompanhar as avaliações de Raul sobre a violência de antes e de depois do golpe de 1976; sua experiência enquanto estudante de Sociologia e de Música; a opção por abster-se de qualquer envolvimento político e a decisão de voltar ao Brasil. A narrativa desses momentos será costurada por expressões que se destacam do conjunto da entrevista, as quais me pa-

receram ser indicativas de como o protagonista foi tocado pelas experiências mencionadas. Ele as experimentou ora com alívio, ora como espanto, ora como convite à cautela, ora como algo “um pouco além do concebível”. O artigo será concluído com algumas palavras sobre o diálogo entre a música de Raul e o exílio e sobre sua primeira e recente volta ao Chile.

“Sabe quando você está com muito calor e se atira no mar?”

Em 1968, o estudante de Direito Raul Ellwanger, além de frequentar as aulas na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), trabalhava como estagiário no escritório de advocacia de Afrânio Araujo e de Carlos Araujo, especializado em causas trabalhistas, e era um dos articuladores da Frente Gaúcha da Música Popular, um grupo sintonizado com a onda dos festivais de música popular iniciada em 1966⁸. Naqueles anos intensos, acompanhou de perto as mobilizações de trabalhadores sindicalizados, em torno de dissídios coletivos, reivindicações por adicional de insalubridade, aumento salarial e, até mesmo, a realização de greves⁹. Ao mesmo tempo, participou dos festivais de música popular que aconteceram em Porto Alegre, dois promovidos pela TV Gaúcha, associada da TV Excelsior, e outros dois, de iniciativa do Diretório Acadêmico da Faculdade de Arquitetura da UFRGS. A composição “O gaúcho”, de sua autoria, foi finalista no Festival da TV Excelsior, no Rio de Janeiro, em 1968, sendo gravada no disco coletivo do festival. Na letra, via-se uma clara provocação ao regime: “pros milicos trago estrago, pro inimigo outro balaço...”.

Assim, a vida e o movimento estudantil se misturaram à percepção da exploração dos trabalhadores, à militância política e às possibilidades de expressão por meio da música. O endurecimento do regime promovido pelo AI-5, por sua vez, fez com que o estudante, estagiário e músico se identificasse com grupos que, mais tarde, viriam a formar a Var-Palmares.

Nos anos que se seguiram, Raul não se tornou advogado, nem defendeu sua música nos festivais do centro do país, os quais também foram perdendo o vigor. Condenado na Lei de Segurança Nacional por militância em organização proibida, teve que passar para a clandestinidade. Mudou-se para o Rio de Janeiro e, no início de 1970, para São Paulo, onde militou junto ao movimento estudantil tentando reerguer a organização, que já tinha

⁸ A proximidade com Carlos Araujo contribuiu para que Raul viesse a militar na organização clandestina Var-Palmares, liderada pelo advogado.

⁹ Outras narrativas de memória com as quais tivemos contato reforçam a importância desse escritório de advocacia para a agitação nos meios operários em meados dos anos 1960 e se referem a greves acontecidas em Porto Alegre. Geralmente se fala da deflagração de greves apenas em 1968, em Osasco e em Contagem. Sobre as greves em Porto Alegre, ver: Losada (2009) e Araujo (2011).

sido atingida pela prisão de muitos dirigentes, entre os quais Carlos Araujo, Dilma Rousseff e Roberto Espinoza.

Na entrevista concedida em meados de 2011, Raul caracteriza esse momento como “uma época espantosa”, na qual “a rua era um cenário elétrico assim, pronto para dar um troço, um tiro, uma pancada de carro, aparecer um cadáver, era um negócio muito difícil”. Entre agosto e setembro de 1970, caem os últimos dirigentes da Var-Palmares na capital paulista. Depois de ficar um tempo “um pouco abandonado, um pouco jogado”, Raul decide pelo exílio no Chile. Fica nesse país entre 1970 e 1973. Com o golpe de Pinochet, consegue ir para a Argentina, onde permanece até o final de 1977, quando volta a Porto Alegre, depois de quase dez anos vividos entre a clandestinidade e o exílio.

A chegada ao Chile foi sentida por Raul Ellwanger como alívio: “sabe quando você está com muito calor e se atira no mar, se refresca. Chega ali e ah!. [...] Ai que bom que é aqui!”. Depois de dois anos de clandestinidade, ele se viu num lugar onde “dá para falar, dá para pensar, dá para não fazer nada, dá para dormir, dá para namorar, dá para tocar violão”. A partir dos relatos colhidos por Rollemberg (1999, p. 99), em trabalho sobre o exílio, é possível perceber que essa sensação foi muito parecida com a vivenciada por outros brasileiros ao chegarem ao Chile, que retrataram a chegada de maneira eufórica. Herbert de Souza, por exemplo, disse ter ficado nos dez primeiros dias “embriagado. Sentava nas praças, embriagado com o clima, com o povo, sentava nos bares, andava, olhava gente”. Maria Auxiliadora Lara Barcelos, a Dora, viu o Chile como “saboroso, caloroso e sorridente”.

Em todos esses relatos, destaca-se o valor atribuído às coisas que hoje nos parecem simples (como andar pelas ruas e bares, conversar e namorar, cantar, falar, pensar), mas das quais os brasileiros que lá chegavam estavam privados há alguns anos.

Ao chegar no Chile, Raul dirigiu-se à cidade de Concepción, a 500 quilômetros ao sul da capital, onde tinha contato com um brasileiro. Em seguida, ingressou no curso de Sociologia. Iniciou-se aí um novo período de estudo e de militância. Quanto ao estudo, Raul lembra que “a Universidad Concepción era uma universidade de integração nacional. Ela era toda com bolsistas e com seleção regionalizada pelo país. O reitor lá [era] o Edgardo Enriquez, pai do Miguel Enriquez, que era Secretário Geral do MIR. Esse senhor bolou essa Universidade”. Segundo seu relato, pessoas do país inteiro estudavam na instituição. Tanto o curso de Sociologia, quanto o contato

com pessoas de todo o Chile permitiram ao jovem brasileiro um conhecimento mais rico da realidade do país de exílio. Em sua entrevista, Raul comentou que

no fim de semana eu ia, por exemplo, nas minas subterrâneas de carvão embaixo do mar em Lota y Coronel, conhecer a mãe, o pai e o irmão do meu colega, que era um cara bem modesto, entendeu, filho de mineiros, que pela primeira vez, alguém [da família] chegou à universidade. E ia nas ‘poblaciones callampas’, seriam as favelas nossas, nas ocupações de terrenos na periferia. Por exemplo, fazíamos aulas, inclusive, com o professor Luis Vitale¹⁰, nós tínhamos aulas na ‘población’, às nove da manhã. Assim, [víamos] os caras fazendo fogo, esquentando ali uma comidinha e tal, os maridos saindo para tentar algum trabalho na cidade. Pessoas que nunca tinham usado uma escova de dente, por exemplo, e a gente estava na universidade, tudo bacana, com professor norte-americano, francês, inglês e tal. Ali do lado tinha aquilo ali.

A opção pela Sociologia foi resultado tanto da dificuldade em aproveitar créditos para continuar cursando Direito, quanto da maior identificação do curso com discussões de ordem política, as quais tinham ganhado lugar central na trajetória de Raul. Quanto à militância, ele explica em sua entrevista que, “no Chile, [havia] a luta de massas na rua, as ‘patotas’, que eles chamavam, as ‘brigadas’, algo assim como na Espanha, da direita, do PC, do PS, grupos semi-armados, assim, grupos de segurança, digamos, de grandes manifestações”. Isso, segundo o entrevistado, já existia antes da posse de Allende e continuava durante o seu governo. Era uma espécie de “tradição que havia de grandes movimentos de massa e de grandes grupos de segurança”. Essa forma de fazer política, que não se restringia a pequenos grupos, causava grande impacto nos exilados brasileiros, que vinham de uma experiência bem diferente. Denise Rollemberg percebeu isso em seu estudo já mencionado. Para a autora, o impacto positivo e favorável da chegada tinha relação com a forma como se fazia política naquele país: “em inícios dos anos 1970, a política não se restringia a uma classe política, a segmentos da sociedade. Não era feita na clandestinidade, em voz baixa, em aparelhos, por vanguardas. Ao contrário, ocupava as ruas, cada esquina, envolvendo a todos, numa verdadeira contramão da história latino-americana” (Rollemberg, 1999, p. 97-98).

Este período de “alívio”, no qual era possível andar pelas ruas, namorar, estudar, militar, conhecer o país,

¹⁰ Nascido na Argentina, Luis Vitale viveu no Chile desde meados da década 1950. Militou em diferentes partidos de esquerda: no Partido Revolucionário Obrero, no Movimento de Esquerda Revolucionaria e no Partido Socialista Revolucionário. Exilou-se após o golpe de 1973. Foi, também, dirigente da Central Única de los Trabajadores. Trabalhou, como historiador, na Universidade do Chile. É autor de extensa obra de sociologia e de história. Faleceu em junho de 2010. Dados extraídos de Red Latina sin Fronteras (s.d.).

também foi marcado por certa tranquilidade financeira. Segundo Raul,

o custo de vida no Chile era muito baixo e o câmbio era espantoso, contra o Chile, digamos. Então, por exemplo, se a minha família me mandasse uma nota de 50 dólares, eu vivia mais de mês com 50 dólares. Bem, bem! Podia pagar um aluguel com outros amigos. Em Concepción, eu vivi na Universidade, então tinha tudo, inclusive assistência médica, dentária, psicológica.

No ano seguinte, Raul se transferiu para Santiago e ingressou na Universidade do Chile. Lá reencontrou vários amigos brasileiros, quase todos “dessa geração toda que vinha de 1968”. Ele começou a frequentar o curso de Sociologia do Instituto Pedagógico da Universidade do Chile, onde, além de brasileiros, encontrou outros latino-americanos como os “nicaraguenses que depois viriam se tornar ministros, os uruguaios que se tornaram dirigentes e muitos desaparecem no meio desse caminho”.

Na capital chilena, além da ajuda da família, Raul contava com recursos advindos de aulas de violão que ministrava e de traduções de artigos de sociologia que fazia para a revista da Flacso, Faculdade Latino Americana de Ciências Sociais. Um dos seus amigos mais próximos, Roberto Metzger, era diretor gráfico da publicação. No que diz respeito à militância política, no Chile, Raul se aproximou de uma fração do MIR, chamada Bandera Roja, “que era um pouco mais chinesa”. A situação do Movimento durante o governo Allende é assim avaliada: “era muito complicada a situação do MIR no Chile: um grupo guevarista, digamos, de luta armada, dentro de uma situação de legalidade e tal. Então, eles não sabiam o que fazer realmente”. Mesmo sem manter relações orgânicas com antigos companheiros da Var-Palmares, nosso entrevistado continuou tendo contato com brasileiros, participando, por exemplo, da “caixinha”, “um mecanismo de fazer finanças para ajudar pessoas exiladas brasileiras muito pobres, [por] que havia muitos, famílias, mulheres, viúvas, crianças. [Havia] a caixinha: a gente fazia show, quermesse, festa de São João, para fazer um pouco [de dinheiro], para poder ajudar essas pessoas”.¹¹ Ainda quanto à questão da sobrevivência, Raul destaca a ajuda recebida dos “exilados antigos de [19]64, Paulo Freire, professor Ernani Fiori, Thiago de Mello, falando dos que eu conheci”, que já estavam no Chile. Menciona também, “o pessoal da Cepal [Comissão Econômica para a América Latina e Caribe], da Flacso [Faculdade Latino Americana de Ciências Sociais], da Clacso [Conselho Latino Americano de Ciências

Sociais], onde estava Fernando Henrique [Cardoso]. Tinha uma grande comunidade brasileira acadêmica, bem de vida, bem de grana, bem de casa, com carro e tudo tranquilo. Este grupo teve condições de ajudar aqueles que chegavam sem documento, sem dinheiro, sem conhecer ninguém”.

O entrevistado comenta que preferiu não se envolver com discussões relacionadas aos grupos clandestinos brasileiros: “eu não queria saber da ALN, da VPR, do PC do B, não [...]. Eu não sei bem, mas a Var-Palmares no Chile foi gradualmente acabando também”. Raul lembra, ainda, que com o golpe de 1973, esses brasileiros tiveram que se dispersar: “a maioria vai para o Panamá ou para Europa, que eram os destinos possíveis: México, Panamá, Europa – Bélgica, Suécia, Alemanha, França, Portugal”. Comenta, ainda, que no Chile, aconteceram algumas reuniões, que havia pessoas dispostas a voltar ao Brasil para continuar a luta e que todas as que voltaram foram assassinadas pela repressão. O discurso militarista que guiava essas tentativas, segundo Raul, não mais lhe seduzia: “três anos antes ou quatro poderia ter seduzido, mas naquele momento já estava bem claro que esse caminho não ia dar certo no Brasil”.

Sobre a experiência vivida no Chile durante o governo Allende, Raul comenta que o país “sofreu uma grande transformação rapidamente e de uma maneira completamente legal. A gente sabia que aquilo não ia ser tolerado”. O músico lembra que

o Chile vem de outra tradição muito interessante de organizações de esquerda muito fortes, esquerda, centro esquerda, meio esquerda, com as heranças da Guerra Civil Espanhola ainda muito presentes. Muita militância, estruturas do PC muito forte, do PS muito forte. Com grande respaldo popular foi crescendo, apesar de toda dificuldade, de toda sabotagem, foi crescendo cada vez mais o apoio ao governo da Unidade Popular.

Se era perceptível o apoio, crescia, por outro lado, oposição a tal projeto, o que vem a culminar com o golpe de 11 de setembro de 1973.

“A tua vida era um fio desencapado”

Em Santiago, Raul morava com Eliana Chaves, a companheira com quem se casou posteriormente e com quem teve um filho, e com o casal Roberto Metzger e Vânia Steigleder, os quais tinham um filho, Charles

¹¹ A questão da “caixinha” é tratada por Rollemberg (1999, p. 107-109). Marques (2006, p. 70 e ss), em sua dissertação de mestrado, apresenta iniciativas de ordem assistencial voltadas aos exilados, como aquelas organizadas em torno da Associação de Exilados Brasileiros no Uruguai e a ajuda financeira recebida de alguns exilados com mais disponibilidade de recursos (como João Goulart), de Cuba e do Conselho Mundial das Igrejas.

Hugo Metzger, apelidado de Bito. Antes mesmo do golpe, o grupo começou a sofrer ameaças dos vizinhos. Logo depois, Raul, as duas mulheres e o menino foram morar em outra casa: “a gente sabia que aquela casa nossa, aquele apartamento nosso já tinha sido dos mexicanos, que tinham vindo do Tlatelolco, da matança de 1968¹². Então, é um apartamento que vai ficando para um, para outro. Já era muito ‘mexido’ aquele apartamento”. Roberto permaneceu na casa para retirar mais coisas e sair em seguida. Ele iria “dormir num outro vizinho ali também, [já que] tinha muitos vizinhos amigos, inclusive um pessoal muito conservador que apoiava o golpe, [mas] que eram amigos nossos e nos protegeram”. Antes disso, porém, o brasileiro foi preso e levado ao Estádio Nacional. Repetia-se, aqui, a experiência vivida no Brasil, da falta de segurança, da necessidade de abandonar a casa na qual se vivia de uma hora para outra, da desconfiança dos vizinhos, da falta de um lugar para onde ir.

A maioria dos estrangeiros foi buscar abrigo nas Embaixadas. O pequeno grupo que acompanhava Raul não fez o mesmo, tanto porque todos tinham documentos chilenos normais, quanto porque precisavam encontrar Roberto. Eliana tinha um visto de turista e com ele conseguiu sair do país. Raul, Vânia e Bito permaneceram na casa do bairro para onde haviam se mudando antes da prisão de Roberto. Por causa do toque de recolher, as pessoas só podiam sair de casa durante uma hora por dia. Raul saía escondido no porta-malas do carro da senhora que os hospedava, dona Cuca. Um dia, não conseguiu retornar para casa: “eu fiquei na rua com todo o ‘toque de queda’ [recolher], os caras trucidando as pessoas na rua, podia ficar uma hora, do meio-dia à uma [hora] no começo. Dormi na rua, naquele frio danado do Chile”. Ele fez tentativas para localizar o amigo no Estádio Nacional, usando disfarces para se parecer com um chileno. A dura experiência se transformou numa narrativa engraçada na lembrança de Raul:

E eu, como eu tinha uma cara mais de alemãozinho, de loiro, e falava bem o sotaque chileno – com o negócio de músico, tu aprendes os sotaques assim – eles me botaram uns paletós bem caretas. Eu ensaiava bem e eu ia ao Estádio Nacional, na porta do Estádio Nacional, naquela hora que tinha. E lá tinha um sargento com uma mesinha de estudante, com um livrão em cima assim. Ai eu ensaiava bem o sotaque, [e dizia]: ‘oye, vengo buscar mi vecino’ (imitando o sotaque chileno), bem chileno, bem com a cara de ‘caretão’ chileno. Ai, o sargento pegava e fazia assim (gesto de folhear um livro) naquele estádio cheio de presos lá dentro, [dizia]:

No, mi hijito. Acá no hay nadie. [Eu respondia]: ‘Si, se llama Roberto Metzger’. ‘No hay acá’. ‘Muchas gracias’. ‘La pra casa tremendo de medo e aquilo não teve jeito.

A situação difícil não era apenas a de Roberto, pois “ninguém sabia quem estava preso lá dentro. Quem estava vivo, estava vivo; quem estava morto, estava morto; quem não estava lá, não estava lá. Era um curral”. Em um determinado momento, lembra Raul, “nós abandonamos o Roberto. Não tinha o que fazer, não tinha mais o que fazer”. A esposa e o filho de Roberto, com o auxílio do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), foram recolhidos a um abrigo oficial. Do grupo, restou apenas Raul, sentindo que

a tua vida era um fio desencapado [...], um troço maluco assim. O Chile era uma ilegalidade, uma violência. Também estimularam um chauvinismo: ‘ah, cubano comunista, brasileiro terrorista, não sei o quê, argentino trotskista’. Estimularam a xenofobia, então tu ainda [sendo] estrangeiro era pior. Se um soldadinho te pedisse um documento na rua, perigava ele te dar uma coronhada, te quebrar a cara, te matar, te levar, não sei, te sumir no mundo. Não sei como descrever bem isso. É um pouco além do concebível. Tu vivias o dia a dia assim, pronto para ser torturado, ser morto, ser mutilado, ser desaparecido, assim que se vivia lá. Como em São Paulo. Também era assim em [19]70. Quem mandava em São Paulo em [19]70 era o delegado Fleury, esse cara fazia o que queria e era um, além da opção política dele, era um doente mental esse cara, era um enfermo. O Chile estava cheio de enfermos, estava cheio de enfermos descontando coisas pessoais, inclusive vizinhos, até entre eles.

O período em torno do golpe de 1973 fez com que a vida dos exilados no Chile – e de todos aqueles que apoiavam o governo da Unidade Popular – se assemelhasse ao cotidiano já conhecido da ditadura no Brasil. O alívio da chegada, dos primeiros tempos, então, transformou-se em espanto, em algo sem sentido, em algo que não tinha como ser explicado, sequer concebido. Se a chegada ao Chile foi sentida por Raul como refrescante – como quem se joga ao mar num dia de muito calor – a sensação que tomou conta de nosso protagonista – no pensamento e no corpo –, depois do golpe, foi a de frio, de congelamento. A fragilidade do corpo do perseguido político (que pode levar uma coronhada, ter a “cara quebrada”, ser mutilado, ser morto) é, nesta fala, contraposta à noção de doença mental, enfermidade, atribuída aos agentes da repressão. A sustentação da ditadura se daria não só por opção política,

¹² Aqui, o entrevistado está se referindo ao massacre de estudantes acontecido em 02 de outubro de 1968, no México. Sobre esse tema, ver: Andrade (2008).

mas também pela insanidade dos que usavam a política para “descontar coisas pessoais”.

Era difícil a situação da senhora que continuava a abrigar Raul. Dona Cuca, segundo o entrevistado, “não me aguentava mais na casa dela [...]. Ela fez umas gestões, foi, foi, foi lá com os caras, trabalhava no cartório não-sei-o-que. Daqui a pouco, ela chegou e disse assim: ‘Raul, daqui a dois dias tu vais ter um *laissez-passer* para Argentina de 24 horas. Eu vou te comprar uma passagem. Tu vais embora’”. Assim aconteceu. Ele saiu de manhã no porta-malas do carro, foram ao centro de Santiago, onde um advogado que se chamava Espinosa lhe entregou a autorização para sair do país: “o *laissez-passer* com meu nome direitinho, o documento de identidade chilena”. Raul entrou num micro-ônibus e rumou para a Argentina. No veículo, havia, além do motorista, 15 freiras e Raul. Antes de cruzar a fronteira, todos falavam algo como “Muy bien, muy bien! Hay que terminar con estos comunistas”. Quando passou a fronteira, segundo o entrevistado, “trocou a conversa. Todos eram contra o golpe”.

“Aí, *voilà!* Fui morar em Buenos Aires!”

Em Buenos Aires, Raul reencontrou Eliana, sua companheira. Depois de dois meses, reviu Roberto, a quem ele procurara no Estádio Nacional quando este, trinta quilos mais magro, segundo nosso entrevistado, passou pela Argentina rumo à França. Tal país foi, sem dúvida, um dos principais destinos para os exilados brasileiros que tiveram que fugir do Chile após o golpe (Rollemberg, 1999; Marques, 2011). A opção pela Argentina foi menos comum, ainda que tenha se colocado para alguns, como foi o caso do ex-presidente João Goulart e de Paulo Schilling que, depois de 1964, tinham se exilado no Uruguai¹³.

A situação política na Argentina era muito confusa em 1973. No balanço de Raul, “aquela [nossa] saída do Chile corresponde [na Argentina] ao fim do Lanusse, do ditador Lanusse, e o começo da época peronista. Começa com Lastiri, fica uns meses. É eleito Campora. É eleita a senhora, vem o Perón. Tem uma série de confusões. Mas aquilo caminha bem, vai indo em direção à redemocratização na Argentina”¹⁴. Para caracterizar o que se vivia no país, o entrevistado se refere à “matança de Ezeiza”, acontecida no dia da chegada de Juan Domingo Perón, que voltava do exílio na Espanha.

Era o início da “primavera camporista”, o curto período da presidência de Héctor Cámpora, que representou uma transição entre a ditadura iniciada em 1966, com o general Onganía, e concluída com as eleições convocadas pelo general Lanusse em 1973, e a última presidência de Perón. Campora foi eleito em 1973 e renunciou pouco tempo depois, abrindo espaço para que Perón se candidatasse à presidência da República, tendo como vice a esposa Maria Ester Martínez de Perón (conhecida como Isabel ou Isabelita).

Em 20 de junho de 1973, antes do golpe no Chile portanto, uma multidão esperava por Perón no Aeroporto Internacional de Ezeiza. Grupos de orientações divergentes dentro do peronismo disputaram o espaço mais próximo do palco no qual Perón iria se manifestar. O enfrentamento foi acompanhado de tiros que, pelos números oficiais, vitimaram quase duas dezenas de pessoas. Várias centenas foram feridas. Não se sabe ao certo quantas pessoas morreram e nem quantas estavam presentes. A manifestação, no entanto, é reconhecida como tendo sido, até então, a concentração mais numerosa da história da Argentina¹⁵. Raul lembra, estarrecido: “os caras disparam contra a multidão, trinta quilômetros de multidão [...]. Atiram de metralhadora, um negócio espantoso, às quatro da tarde. O país democratizado!”

Eleito com ampla maioria, em setembro de 1973, Perón falece em julho do ano seguinte. Em seu lugar fica a esposa, “a senhora” mencionada acima por Raul. Sua presidência é marcada pelo crescimento da inflação e pela explosão da violência entre grupos políticos divergentes. Segundo os historiadores argentinos Navaro e Palermo (2007, p. 24), nesse momento, “o governo e o peronismo se debatiam em graves conflitos internos que os impediam de agir frente ao firme avanço militar”. Daí, quando aconteceu o golpe, em março de 1976, a tomada do poder pelos militares foi favorecida por um sentimento, quase um consenso social, de que o golpe era a única alternativa frente à bancarrota do governo civil, que se manifestava desde meados de 1974 (Navaro e Palermo, 2007, p. 31).

Para falar desse contexto, Raul se refere a “uma transição muito difícil, pressionada. Tem a matança de Ezeiza na chegada de Perón, pressão dos grupos populares, peronismo contraditório, gorilismo tradicional católico e racista, institucionalidade em transição confusa, Estados Unidos assustado[s]”. Nesse momento, segundo o entrevistado, “inaugurava-se o conflito aberto entre os grupos Montoneros e o ERP (*Ejército Revolucionario del Pueblo*) de um lado,

¹³ Sobre o exílio de Jango na Argentina, ver: Ferreira e Gomes (2007). O exílio argentino de Jango foi, ainda, analisado na obra de Jorge Ferreira (2011). Algumas menções sobre a estada de Paulo Schilling na Argentina podem ser encontradas em Schilling (1979). Para ambos os casos, parece ter contado a necessidade de não se afastar muito do Uruguai. Paulo Schilling tinha a filha Flávia presa naquele país. João Goulart mantinha fazendas e outros negócios no Uruguai.

¹⁴ Os nomes dos presidentes argentinos aparecem, na fala do entrevistado, fora da ordem. Depois das eleições convocadas por Lanusse, sucedem-se na presidência da República Héctor Cámpora, Raul Alberto Lastirini, Juan Domingo Perón e María Estela de Perón. É no mandato dessa que é dado o golpe de 25 de março de 1976.

¹⁵ De acordo com matéria do jornal *El país* (1973).

e a *Policia Federal*, setores do próprio governo (o Ministro Lopez Rega, com sua Triple A – Aliança Anticomunista Argentina), e as Forças Armadas, de outro. Veladamente, a Operação Condor já estava funcionando. Era um pouco parecido ao Chile: brotações de violência clandestina tanto civis como estatais encobertas, numa situação de legalidade, com a diferença que as Forças Armadas e as [forças] policiais chilenas atuavam dentro da legalidade”.

A opção por permanecer na Argentina é assim explicada: “eu fiquei na Argentina porque eu entrei como um turista. Aí, outra amiga minha, que tinha dupla nacionalidade, ficou. O marido dela, por ser casado com ela, ficou. O outro casou com uma argentina e ficou”. Tais arranjos, no entanto, não foram a regra. Segundo Raul, havia cerca de duzentos brasileiros na Embaixada da Argentina no Chile. O grupo foi acometido por uma epidemia de tifo. Não havia espaço suficiente. As pessoas se revezavam para dormir. Depois de entrarem na Argentina, essas pessoas foram encaminhadas para o chamado “Hospital de Lopez Rega” na Calle Combate de los Pozos, que pertencia ao Ministério do Bem Estar Social. Em seguida, “esse pessoal todo foi empurrado para a Europa, ou para o Panamá, Canadá, não sei para onde, mas foi todo mundo”.

Calejados pela experiência brasileira e chilena, Raul e seus amigos brasileiros que permaneceram na Argentina passaram “a não participar de nada politicamente”. Raul continuava a ter contato com brasileiros. Menciona que faziam parte do mesmo grupo “o [Augusto] Boal, o Ferreira [Gullar], eu, e todo um pessoal aqui da UFRGS, do Rio Grande do Sul, de Porto Alegre, que eram médicos formados recentemente, médicos que estavam fazendo formação psicanalítica lá. Buenos Aires sempre foi um grande centro de formação psicanalítica”. As amizades se desenvolveram para além das afinidades políticas. Segundo o entrevistado, “havia um grande grupo de amigos, que até hoje são belos profissionais, aqui no Brasil. Tinha um grupo grande de música, de reuniões, tinha a pelada dos brasileiros, o futebol”. Afora o clima político pesado, a experiência é hoje avaliada positivamente:

isso aí foi muito bom, inclusive alguns eram meus amigos já, aqui de Porto Alegre, de infância, ou da praia, do futebol, de não sei do quê, de violão. Foi muito legal! Tenho um grande carinho por essa turma até hoje. Estão aqui, a gente volta e meia se encontra. Mas o grupo praticamente [não tinha] militantes. Assim, do antigo militante brasileiro praticamente sobrou uns dez, doze, só. Na Argentina, a gente não participava mesmo.

Atualmente, ao acompanhar a imprensa dos dois países em que esteve exilado, Raul se surpreende com notícias a respeito de seus amigos: “daqui a pouco contam a

biografia de uma pessoa [argentina] que eu conhecia, [que] era meu amigo. Eu não sabia e aconteceu isso e aquilo”. O conhecimento das situações pelas quais passaram pessoas próximas faz com que hoje Raul se dê conta de que o perigo que corria era ainda maior do que ele avaliava ser no passado. Uma de suas reações é dizer:

caramba: escapei! Eu estava ali naquele momento, naquela redação de jornal, do jornal La Opinión, no qual eu escrevia, El Mundo, no qual eu escrevia. O cara, por exemplo, Enrique Raab, tremendo jornalista, me conseguia ‘frilas’ [freelances], eu escrevia sobre música latino-americana. Esse cara até hoje está desaparecido, e eu ia na casa dele, entendeu? Hoje ele é venerado como um grande jornalista. Está na história, [mas] não [se] tem o menor sinal dele.

É forte, nas palavras Raul, o espanto com a rapidez com que as coisas se transformaram, tanto no Chile quanto na Argentina e com a “maluquice” daquilo que se apresentava frente aos seus olhos. Tal percepção é amplamente informada pelo acompanhamento que ele tem feito cotidianamente do tratamento que vem sendo dado, na Argentina e no Chile, para as questões relacionadas às duas ditaduras.

E hoje, vendo hoje, cada vez mais, com mais informação que estou recolhendo, a gente andava num mundo maluco. A gente andava em cima de uma lâmina afiada, assim, ou com o revólver com o gatilho puxado, assim, pronto para disparar na tua orelha. E a gente não se dava conta porque era uma situação [confusa]. Por exemplo, no Chile era assim: uma democracia maravilhosa. Aí teve um golpe espantoso. Tá! Era assim e virou assim. A Argentina não! Era um país constitucional, com a Corte Suprema, Câmara Federal, senadores [...] e, ao mesmo tempo, uma bandalheira, um terrorismo funcionando, estatal já, ou semiestatal, funcionando.

O terrorismo é exemplificado com um episódio: em Buenos Aires, ao descer do metrô, dirigindo-se ao Conservatório, onde estudava, Raul viu

um corpo atirado, às nove da manhã, na calçada, com um cartaz. Ele estava flácido ainda, não tinha nem o rigor da morte, entendeu? Tinha sido jogado ali há dez minutos, tinha sido assassinado e jogado ali há dez minutos para que a população visse, para que sáísse no jornal [e se concluisse:] ‘olha, é assim! É assim que nós tratamos os esquerdistas, comunistas, esses terroristas, não sei o quê’. Então isso [acontecia] e ‘tudo beleza’, tudo funcionando, ‘tudo bacana’, ‘tudo democrático’.

Foi por causa deste clima, que se intensifica com o golpe de 1976, que Raul começou a pensar na volta ao Brasil. Percebeu que em cada lugar que ia, encontrava-se com pessoas que poderiam ser suspeitas ao regime e que ele próprio poderia ser atingido pela repressão. A Faculdade de Ciências Sociais, por exemplo, onde ele continuava estudando Sociologia até o início de 1975, também era um espaço “perigoso”: “estava cheio de gente que era militante de alguma coisa, ou simpatizante, ou amigo”. O nível da repressão aos jovens na Argentina fez nosso entrevistado considerar que estava em curso “uma espécie de genocídio etário” que se baseava em um projeto de

matar uma geração que tem tal idade e é mais ou menos de certa classe social, a classe média, classe média baixa, entre os quinze e trinta anos. Tanto que eles têm trinta mil pessoas que fazem falta no país, seriam pessoas que teriam sessenta anos hoje, seriam cientistas, executivos, profissionais, advogados, esportistas, não sei o quê, ou religiosos.

Raul destaca, hoje, em seu relato, a gratidão que tem pelo Chile e pela Argentina. Apesar de todos os percalços vividos e agora narrados, considera que a experiência de viver nesses países “foi muito legal!”. Afirma que, no Chile, “um brasileiro que fosse documentado, podia apresentar outro brasileiro, ‘mal’ documentado, com documentos falsos, ou até sem documentos”. Quem o apresentou frente ao Ministério do Interior foi o poeta Thiago de Mello: “eu, Thiago de Mello, natural de Manaus, tal, tal, declaro que o cidadão tal é o cidadão tal”. E tu, sem documento nenhum, te davam um documento chileno”. Na Argentina, as coisas não foram tão tranquilas, mas em certa altura, antes do golpe,

o general Perón se viu obrigado a legalizar todos os estrangeiros que moravam e trabalhavam lá, os paraguaios, chilenos, brasileiros, uruguaios e bolivianos. [Por] que havia, acho que um milhão e meio de gente ilegal na Argentina, sendo explorado, trabalhando no vermelho, como se diz. Então, ele deu uma anistia de documentação, e eu entrei nessa anistia. Eu me documentei. Tenho até hoje o documento chileno guardado, o documento argentino guardado.

Os documentos argentinos foram úteis para a volta ao Brasil. Depois do golpe de 1976, segundo Raul, a situação que “já era espantosa antes” se transformou em “espanto total”. Tendo prescrito a pena da sua condenação

pela Justiça Militar Brasileira, nosso entrevistado e sua esposa, que estava grávida, decidiram voltar ao Brasil. No Aeroporto Salgado Filho, em Porto Alegre, quem os estava esperando, além de um grupo de familiares e amigos, era Pedro Seelig, do DOPS gaúcho¹⁶. Ele tentou prender Raul, que “pulou, esperneou, discutiu” e, com isso, conseguiu que o delegado aceitasse a proposta de esperá-lo na delegacia na segunda-feira. O entrevistado conta que

era um domingo e tinha um grande almoço, as pessoas [me esperando], depois de tantos anos. Eu estava há dez anos fora daqui, digamos, com a clandestinidade. A minha esposa grávida, a ponto de nascer meu filho, um negócio tremendo. Então, foi feito isso, houve esse almoço e tal. Aí no dia seguinte fui... E fiquei preso ali uns quinze dias, nesse DOPS aqui de Porto Alegre, submetido a pressões psicológicas, ameaças constantes: ‘vamos te torturar’, ‘vamos te mandar para São Paulo’, ‘Fleury continua te esperando, ele não te esqueceu lá’, ‘não adiantou nada tu ir para o exílio, ele quer te pegar’. Me acordavam entre a uma e as quatro [horas] da manhã para ouvir a tortura dos presos comuns.

Um dia, ordenaram a Raul: “sai pra rua! Vai-te embora!”. Ele não aceitou a ordem. Pediu para chamar alguém da família: “eu não vou sair na rua ali, às nove da manhã na Avenida Ipiranga. Não, não saio, daqui eu não saio”. Veio, então, ao DOPS um tio, que era seu padrinho, e com ele Raul saiu da prisão. A nova etapa que se iniciava ainda era marcada pela incerteza: “inicie uma nova etapa aqui, não tinha anistia, não tinha [nada]. Bom, não tinha democracia, não tinha anistia, era uma situação bem [complicada]. Era ditadura ainda, normal, digamos”.

“Uma parábola [...] bonita de reencontro”

Na nova vida que Raul iniciou, a música foi ganhando cada vez mais espaço. Ele se tornou músico profissional, gravou diversos discos, fez parcerias com intérpretes e compositores, entre os quais podemos destacar o cubano Pablo Milanés, os argentinos Mercedes Sosa e León Giecco, as brasileiras Elis Regina e Beth Carvalho¹⁷. Perguntado sobre como sua música dialogou com a experiência de militância, clandestinidade e exílio, ele mostrou o lugar que a política ocupa em suas produções e os caminhos que permitiram bonitos reencontros entre sua experiência – passada e presente – e a música latino-americana.

¹⁶ Sobre a atuação do Delegado Pedro Seelig, ver: Bauer (2006) e Cunha (2009).

¹⁷ O conjunto dos autores com quem Raul fez parcerias, dos intérpretes que cantaram suas canções e dos autores cujos poemas musicou pode ser encontrado no site oficial do artista, onde estão listados, também, os discos já lançados (www.rauellwanger.com.br).

Quanto à política, ele começou dizendo que não gosta de “música política”, mas sim de

música bacana, legal, emocionante, bem feita. Gosto de Bossa Nova, gosto de jazz, gosto de música erudita. Gosto de música com conteúdo, gosto de música de protesto, gosto de música de conteúdo social, mas não gosto de música panfletária. Aliás, não conheço nenhuma música panfletária que seja boa. São músicas de momento, é como um jingle. É uma campanha que vai. Eu nunca fiz isso. Algumas vezes usaram minhas músicas em diversas campanhas.

O título do seu primeiro disco – *Teimoso e vivo* – é resultado, segundo ele, do contato com um livro do Nei Duclós, um poeta de Uruguaiana. Raul ficou impressionado com os seguintes versos do uruguaiense: “Apesar de tudo, sou teimoso e vivo, sou teimoso e visto a pele dos soldados mortos. Levanto com esforço as âncoras e parto nas naus sem volta do meu tempo. O tempo é novo e eu tenho a mania insone de rebentar em canto”. O disco ficou, segundo Raul, “muito impregnado desses sentimentos de exílio, fala de Buenos Aires, fala dos bares, das tristezas”. Poderíamos dizer que mesmo sem a referência ao poema de Duclós, os adjetivos *teimoso* e *vivo* diziam muito sobre a experiência de vida do músico.

Mais do que uma influência temática, o músico considera que a experiência do exílio se manifesta

“nos gêneros musicais: tem tango, tem bolero, tem chararera, tem polo venezuelano, tem instrumentações que não se usavam aqui. Tem o bombo leguero, [que] não se usava. [Tem] poema do Neruda, tem mais outro em castelhano. Acho que esteticamente eu aprendi muito, porque também, em Buenos Aires, eu estudei quatro anos no Conservatório Municipal, conservatório erudito. Mas a minha convivência foi toda com a rapaziada, inclusive [com] alguns que depois se tornaram grandes astros do rock’n’roll”.

Essa característica que foi forte no primeiro trabalho profissional, continuou sendo a marca dos discos posteriores, nos quais estão presentes “os gêneros, a literatura, os poemas, a instrumentação, o próprio idioma [espanhol]”. Na década de 1980, Raul fez parcerias com músicos com Mercedes Sosa, León Gieco e Pablo Milanés, entre outros. Lembra que, nos anos 1960, já tinha conhecimento da música de Mercedes e também de Daniel Viglietti,

que eram praticamente o que se conhecia em termos de música latino-americana. Os tangos eram vistos como “uma coisa dos pais da gente, ‘coisa de velho’”. Da mesma forma eram avaliados os boleros. Cantando um verso de *A desalambra*, de Daniel Viglietti, Raul avalia que “aquilo era o máximo para nós! E a Mercedes também. Tinha o Piazzolla que também era conhecido”. No Chile, nosso entrevistado teve contato com muitos músicos, como os cubanos Silvio Rodríguez, Noel Nicola e Pablo Milanés. Também conheceu músicos de outros países. Se o exílio foi o momento do encontro com profissionais, gêneros, instrumentações, poemas, na década de 1980 abriram-se possibilidades de reencontro, tanto a partir da música produzida por Raul, quanto nas oportunidades de realizar shows nos países vizinhos, compor e gravar músicas em parceria, divulgar seu trabalho para além das fronteiras brasileiras e mostrar aos seus conterrâneos a riqueza daquilo que é produzido em outros lugares.

Raul menciona sua participação, na Argentina, em um ato público em prol do Uruguai, promovido pela PIT/CNT (Plenária Intersindical de Trabalhadores e Confederação Nacional de Trabalhadores). Foi um ato pela redemocratização do país vizinho:

Me convidaram, eu fui e cantei nisso. Foi muito lindo, reencontrei os meus amigos do conservatório. Ia ficar um dia, fiquei um mês, já gravei um disco. Até começa toda uma parábola assim bonita de reencontro. Eu já tinha assistido shows da Mercedes, na década de [19]70, quando estava exilado. Mas só fui conhecê-la agora na década de [19]80, porque ela também estava fora. Ela estava na Europa, ela voltou para a Argentina, no fim da ditadura. Ela voltou com o Alfonsín. [Antes] ela não podia entrar no país dela.

Ao falar em Mercedes, lembrou da ocasião em que ela se apresentou em Porto Alegre: “ela cantou na UFRGS aqui, que jogaram uma bomba aqui na Reitoria, ela mandou acender a luz e disse: ‘Vou cantar com a luz acesa, porque os lobos é que gostam da escuridão. E nós temos que nos olhar nos olhos’¹⁸.”

Quando o grupo uruguaio Los Olimareños cantou em São Paulo, no início da década de 1980, Raul ajudou na produção. Eles não podiam voltar ao seu próprio país. O mesmo acontecia como o compositor uruguaio Alfredo Zitarrosa, que foi entrevistado por Raul, em Buenos Aires, para o jornal *Versus*. Zitarrosa ficou por dez anos entre o México e a Espanha. Depois que Raul conheceu

¹⁸ Informações retiradas de blogs na Internet indicam que este episódio aconteceu no Gigantinho, Ginásio de Esportes e de apresentações artísticas que fica ao lado do estádio do Sport Club Internacional e não no Salão de Atos da Reitoria da UFRGS, como narrou Raul (<http://perspectivabr.wordpress.com/category/musica/>; <http://mariricordi.blogspot.com/2009/10/adeus-mercedes-sosa.html>).

melhor Mercedes Sosa, convidou-a para participar do disco que foi produzido pelos argentinos Raul Porchetto e León Giecco. Eles tinham sido amigos de Raul no Conservatório Municipal de Buenos Aires e “tinham tido carreiras impressionantes, transformados em super-estrelas”. É também na década de 1980, que acontece a primeira excursão de Pablo Milanés e Sílvio Rodríguez na Argentina, excursão que durou trinta dias. Segundo Raul, “eles tocavam sete dias por semana, durante um mês. Segunda-feira, eles viajavam em um avião fretado, para Mendoza, para Córdoba, para Mar Del Plata, para tocar lá e voltavam. Ficaram trinta dias tocando, em um ginásio de Obras Sanitarias, que é um ginásio clássico da música popular argentina, lotado todas as noites”. Raul lembra que, convidado pelos cubanos, cantou diversas vezes nesse ginásio.

No disco de 1984, *Gaudério*, fica explícito o encontro com Mercedes Sosa, Pablo Milanés e León Giecco: “é um disco que saiu lá [na Argentina], saiu um pedaço aqui, que se misturou, virou um disco. Enfim, é uma época de muita atividade discográfica”.

Antes disso, no entanto, Raul já havia composto e gravado a música que é, ainda hoje, a mais conhecida de seu repertório. Trata-se de *Pealo de Sangue*, que faz parte do disco de 1979, *Teimoso e vivo*. Na gravação original, *Pealo* conta com arranjos de Zé Gomes e é interpretada por Raul e por Eliana Chaves. A mesma música reapareceu em vários discos e também foi gravada em espanhol por Mercedes Sosa. Raul lembra que a música ficou muito conhecida “a partir de uma publicidade que teve de fim de ano, que foi muito bacana”. Mesmo sem ter uma característica comercial, a canção, “a partir daí, ganhou autonomia” e conquistou corações. É, sem dúvida, a música mais esperada nos shows de Raul¹⁹. Lançada pouco depois da volta do exílio, *Pealo de Sangue* parece expressar as dúvidas carregadas pelo compositor e por sua geração: “que mistérios trago no peito? Que tristezas guardo comigo?”. Parece, ainda, revelar a importância das raízes das quais ele teve que se separar por uma década: “se meu canto é colono, é gaúcho/ lá no campo é que encontro abrigo”. Na letra da canção pode-se, ainda, ler o desejo de alcançar coisas que pareciam bem simples, mas que se perdiam e se perderam no horizonte: “quero só um pedaço de terra/ um ranchinho de Santa Fé/ milho verde, feijão, laranja/lambari cutucando no pé/ noite alta um luzeiro alumian-do/ um gaúcho sonhando de pé”. Chamo a atenção para o uso do “só”. Creio que a partícula é indicativa de que o que estava sendo buscado era “apenas” o que era considerado “de direito”. A perspectiva da luta e a dimensão da utopia estão bem presentes na letra da canção: “Quando será

esse meu sonho? Sei que um dia será novo dia, brotando em meu coração. Quem viver saberá que é possível, quem lutar ganhará seu quinhão”.

O reencontro com o exílio parece se dar cotidianamente na produção artística de Raul. Como vimos, a forma de o músico se referir ao contato com a música e com os artistas de outros países foi através da expressão “uma parábola [...] bonita de reencontro”. Ao investir em parcerias com artistas latino-americanos, ao fazer versões de suas músicas para o português, ao incorporar certos gêneros musicais, ao valorizar a língua espanhola, Raul parece estar mostrando o lado positivo e fecundo do encontro forçado pelo exílio, que agora se transforma em um bonito reencontro.

Para finalizar, gostaria de mencionar que, em setembro de 2011, Raul vivenciou outro reencontro. Pela primeira vez depois do golpe de 1973 e da fuga para a Argentina, nosso protagonista voltou ao Chile. À Argentina ele já havia voltado diversas vezes. Em conversa que tivemos ao final de 2011, perguntei-lhe por que demorou tanto tempo para retornar ao Chile e o que foi buscar por lá. Raul respondeu com uma frase de efeito: “fui buscar algo que eu sabia que não iria encontrar”. Instigado pelo meu questionamento, foi além dessa tirada e avaliou que o receio de voltar ao Chile não era apenas dele, mas de boa parte daqueles que para lá foram na mesma época e que de lá tiveram que fugir com o golpe de Pinochet. No seu caso, várias situações contribuíram para a tomada da decisão: a eleição de Dilma Rousseff para a Presidência da República, que, segundo Raul, “elevou nossa autoestima”; o reencontro com um antigo companheiro de militância, que o músico não via desde 1969; o acompanhamento da gravação de uma longa entrevista com outro ex-companheiro; o filme *Diário de uma busca* e, quiçá, a entrevista que nos concedeu em julho. Nas conversas que tive com Raul para finalizar a redação deste artigo, ele também destacou a importância de “sentir que a perda dos conteúdos da memória começa a ser irreversível com a morte das personagens. Então, fui ao Chile dar uma atualizada na memória e, muito importante, uma atualizada nos sentimentos”.

Refletindo sobre sua fala e sobre como ele associa memória a sentimentos, pensei que voltar ao Chile pode ter significado reencontrar o porto de uma chegada alegre. Reviver a sensação de alívio, de esperança, de crença numa forma de organização mais abrangente, menos vanguardista. De aposta na possibilidade de se chegar ao socialismo de outra forma, enfim. Acredito que não seja muito doloroso lembrar disso, significar isso, conceber isso. Difícil parece ser reencontrar e significar as marcas da destruição abrupta desta utopia, que não dizia respeito

¹⁹ Constatei essa popularidade pessoalmente, ao assistir um show de Raul em 13 de dezembro de 2011, no Teatro Clênio Peres, da Câmara Municipal de Porto Alegre.

apenas ao Chile, mas a toda a América Latina que passava, então, a ser dominada por ditaduras. Difícil parece ser encontrar sentido na transformação daquele porto num lugar de onde foi preciso fugir.

Um dos momentos mais árduos deste esforço de dar significado ao passado feito pelo protagonista – e também pela pesquisadora – foi lidar com a situação vivida na Argentina antes do golpe de 1976: em pleno regime democrático, violências de toda ordem, “em um país constitucional, uma bandalheira”. Essa situação, exemplificada com o fato de o protagonista encontrar um corpo na rua, ao descer do metrô, fez Raul associar o clima social e político da Argentina com aquele vivido na capital paulista, nos seus tempos de clandestinidade. Difícil, também, foi dar sentido ao que o músico encontrou ao voltar ao Brasil, no final de 1977: “uma ditadura normal”!

Voltar fisicamente, rever as ruas e praças por onde se caminhou, as casas nas quais se morou, as tumbas onde estão enterrados os companheiros que caíram, o Estádio Nacional onde tantos ficaram presos e onde muitos morreram, a Universidade do Chile, os amigos ou familiares daqueles que foram solidários nos momentos mais difíceis, tudo isso pode ser oportunidade para repensar o significado daquela experiência para aquele que volta, para as esquerdas, para o Chile, para o Brasil, para a América Latina.

Tais reencontros não se dão apenas com o deslocamento físico no espaço. A história oral, ao oferecer a escuta, ao desafiar a memória e ao demandar a narrativa, possibilita viagens como esta que aqui tentamos representar. Aquele que viveu, ao dialogar com os que não viveram, mas que demonstram uma postura de empatia e de respeito pela experiência vivida, tem a possibilidade de narrar e de dar sentido àquilo que antes estava “um pouco além do concebível”. Esse esforço se complexifica quando o registro de memória passa a ser analisado com as ferramentas da História, como tentamos fazer ao longo destas páginas. Houve a seleção daquilo que, no seio de uma longa entrevista, seria objeto de análise – no caso, as menções ao exílio no Chile e na Argentina. A apresentação do objeto, no entanto, precisou ser precedida pela introdução do personagem central desta trama e por uma explicação a respeito da pesquisa no seio da qual se deu a entrevista. Ao mesmo tempo em que foi dado amplo espaço para que os fatos fossem narrados pelo entrevistado, a mão da pesquisadora conduziu a narrativa. Foi realizado um diálogo – ainda que breve – com outras produções (de memória e acadêmicas) que tocam em temas correlatos àqueles mencionados pelo músico. Idas e vindas do texto entre o entrevistado e a pesquisadora ajudaram a dirimir dúvidas e a chamar a atenção para aspectos que poderiam ter passado despercebidos para Raul e para mim. No cotejo com outras experiências de exílio e de militância

apareceram semelhanças, particularidades, surgiram novas dúvidas, acenderam-se algumas luzes sobre elas. Acreditamos que, com isso, abrimos um caminho que pode e merece ser trilhado em diálogos e reflexões futuras.

Referências

- ANDRADE, E. de O. 2008. México, 1968: O massacre de Taltelolco e a universidade latino-americana. *Projeto História*, 36:185-196.
- ARAUJO, C.F.P. 2011. Entrevista concedida a Francisco Carvalho Jr. e a Dante Guimaraens Guazzelli. Abril, Porto Alegre, Projeto *Marcas da Memória: História Oral da Anistia no Brasil*. Disponível para consulta no Núcleo de Pesquisa em História da UFRGS.
- BAUER, C.S. 2006. *Avenida João Pessoa, 2050 – 3º andar: terrorismo de Estado e ação política do Departamento de Ordem Política e Social do Rio Grande do Sul (1964-1982)*. Porto Alegre, RS. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 283 p.
- CUNHA, L.C. 2009. *Operação Condor: o sequestro dos uruguaios*. Porto Alegre, L&PM, 472 p.
- ELLWANGER, R. 2009. A milonga dos vencidos. In: E.S. PADRÓS; V.M. BARBOSA; V.A. LOPEZ; A.S. FERNANDES (orgs.). *Ditadura de Segurança Nacional no Rio Grande do Sul (1964-1985): História e Memória. Repressão e resistência nos “Anos de Chumbo”*. Porto Alegre, ALERGS/CORAG, vol. 2, p. 81-94.
- ELLWANGER, R. 2011. Entrevista concedida a Carla Simone Rodeghero. 7 julho, Porto Alegre, Projeto *Marcas da Memória*. Disponível para consulta no Núcleo de Pesquisa em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul
- FERREIRA, J.; GOMES, A. de C. 2007. *Jango. As múltiplas faces*. 1ª ed., Rio de Janeiro, Editora da Fundação Getúlio Vargas, 275 p.
- FERREIRA, J. 2011. *João Goulart, uma biografia*. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 714 p.
- GABEIRA, F. 1980. *O crepúsculo do macho*. Rio de Janeiro, Codecri, 248 p.
- GUARANY, R. 1984. *A fuga*. São Paulo, Brasiliense, 154 p.
- EL PAÍS. 1973. Ezeiza, una masacre que causó el estallido del peronismo. 21 de jun. Disponível em: <http://edant.clarin.com/suplementos/especiales/2005/08/28/1-01215.htm>. Acesso em: 08/12/2011.
- LOSADA, A. 2009. Losada, não olhe para trás. In: E.S. PADRÓS; V.M. BARBOSA; V.A. LOPEZ; A.S. FERNANDES (orgs.). *Ditadura de Segurança Nacional no Rio Grande do Sul (1964-1985): História e Memória. Repressão e resistência nos “Anos de Chumbo”*. Porto Alegre, ALERGS/CORAG, vol. 2, p. 95-120.
- MARQUES, T.C.S. 2006. *Ditadura, exílio e oposição: os exilados brasileiros no Uruguai (1964-1967)*. Cuiabá, MT. Dissertação de Mestrado. UFMT, 283 p.
- MARQUES, T.C.S. 2011. *Militância política e solidariedades transnacionais: A trajetória política dos exilados brasileiros no Chile e na França (1968-1979)*. Porto Alegre, RS. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 272 p.
- MORAES, J.L. de. 1994. *O calvário de Sônia Angel: uma história de terror nos porões da ditadura*. Rio de Janeiro, Gráfica MEC, 112 p.
- NAVARO, M.; PALERMO, V. 2007. *A ditadura militar argentina (1976-1983). Do golpe de estado à restauração da democracia*. São Paulo, Edusp, 752 p.
- PADRÓS, E.S.; NUNES, C.L.S.; LOPEZ, V.A.; FERNANDES, A.S. (orgs.). 2011. *Memória, verdade e justiça [recurso eletrônico]: as marcas das ditaduras do Cone Sul*. Porto Alegre, Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul, 291 p.

PAIVA, M. 1996. *Companheira Carmela*. Rio de Janeiro, Mauad, 173 p.
RED LATINA SIN FRONTERAS [s.d.]. Disponível em: <http://red-latina-sin-fronteras.lacoctelera.net/post/2010/06/27/chile-muere-acad-mico-escriptor-y-revolucionario-chileno>. Acesso em: 07/02/2012.

ROLLEMBERG, D. 1999. *Exílio: entre raízes e radares*. Rio de Janeiro, Editora Record, 378 p.

SCHILLING, F. 1979. *Querida família*. Porto Alegre, Editora da Coojournal, 73 p.

SIRKIS, A. 1981. *Roleta chilena*. Rio de Janeiro, Record, 164 p.

Submetido: 07/02/2012

Aceito: 28/03/2012

Carla Simone Rodeghero
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Programa de Pós-Graduação em História
Av. Bento Gonçalves, 9500, Prédio 43311
Sala 114, Agronomia
91509-900, Porto Alegre, RS, Brasil